



## **A LITERATURA DE CORDEL E A CULTURA POPULAR COMO INSTRUMENTOS DE RESISTÊNCIA NO CONTRA O PRECONCEITO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS ADULTOS -EJA**

**Gilvan dos Santos Souza<sup>1</sup>**

**Jaciara de Oliveira Sant'Anna Santos<sup>2</sup>**

**RESUMO:** Este artigo, um recorte uma dissertação de mestrado cujo objetivo foi investigar o uso da Literatura de Cordel como instrumento didático na Educação de Jovens e Adultos, EJA em duas turmas de 9º ano (Módulo IV), em uma escola municipal na em Vitória da Conquista-BA, em 2018. Para tanto nos valem das seguintes técnicas: aplicação de Sequência Didática e Grupo Focal. Observação, aplicação de questionário, No que tange aos pressupostos teóricos utilizados destacamos autores que discutem Literatura de Cordel: Sousa (2019), Galvão (2005); e de EJA Paiva, (2006) e Arroyo, (2005). O campo da pesquisa - Escola Municipal Tobias Barreto – situa-se no município de Vitória da Conquista – Ba e nele se encontram os alunos, os professores e a coordenadora que fizeram parte da pesquisa que deu origem a esse recorte. O resultado nos permitiu compreender que os educandos e os educadores consideram que a maioria das propostas pedagógicas, às vezes, se apresentam distantes de suas realidades. A Literatura de Cordel pode se tornar uma possibilidade metodológica de incentivo para a leitura nesse processo por valorizar as culturas e experiências que permeiam o cotidiano destes alunos e que passam despercebidas pelo sistema educacional.

### **INTRODUÇÃO**

Este texto objetiva descrever o resultado de um trabalho desenvolvido com disciplina de História em duas turmas de EJA na escola pública municipal em Vitória da Conquista-Paulo Setúbal. Ressaltando que a referida atividade fez parte da proposta de trabalho desenvolvido durante a pesquisa de mestrado, intitulado “A literatura de Cordel e Educação de Jovens e Adultos: a cultura popular na perspectiva de valorização dos saberes dos educandos” cujo o intuito foi promover a Literatura de Cordel como caminho metodológico para incentivar o interesse dos educandos dessa modalidade de ensino pela escola e pela leitura.

<sup>1</sup>Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Docente da Secretaria Municipal de Educação de Vitória da Conquista. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Movimentos Sociais e Educação do Campo e da Cidade – GEPEMDECC/ UESB/BA, com registro no CNPQ. E-mail: gilvesb@hotmail.com.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), UNEB, docente do Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, UNEB, Campus XX, Brumado, Bahia. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Movimentos Sociais e Educação do Campo e da Cidade – GEPEMDECC/ UESB/BA, com registro no CNPQ. E-mail: jaciarasantanna@yahoo.com.br.

Freire (2003), declara que “O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, pois, [...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra”, (p.11).

Ainda que acreditemos, no benefício que a leitura propicia ao sujeito, a exemplo de contribuir para a aquisição de novos conhecimentos, coadunamos com o autor, quando ele deixa claro que o histórico de experiências de vida angariado a partir do contexto em que ele está inserido precisa ser valorizado, no desenvolvimento dos trabalhos pedagógicos do processo de ensino aprendizagem.

A Lei de Diretrizes e Bases da educação-LDB9394/96, declara que “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (Art. 1º, BRASIL 1996).

Diante disso defendemos que a escola precisa pensar em uma proposta pedagógica, onde o arcabouço cultural dos sejam valorizadas, numa perspectiva de subsídios de transformação social, indo de encontro a pratica pedagógica baseadas em conteúdos didáticos e leituras mecanizadas, transformando a sala de aula em um ambiente desencadeador de processos sociais de identidade. Nessa perspectiva, advogamos, que a utilização dos elementos presente no relicário popular, dentre eles o Cordel pode tornar-se se um vultuoso aliado no processo de letramento nas turmas de EJA

No que tange valorização dos saberes aglutinados nos distintos espaço, que transcendem os muros da escola, Soligo (2010), declara que :

[...]esses conhecimentos devem constituir o contexto escolar de ensino aprendizagem afinal, A aprendizagem não é resultado apenas de ações pedagógicas especialmente planejadas: a partir do momento em que nasce, o ser humano começa a aprender, tanto o que lhe é ensinado de forma intencional como o que pode aprender pelo simples fato de estar vivo, convivendo com outras pessoas em ambientes sociais diversificados. Muitas coisas que sabemos não nos foram formalmente ensinadas (p.67).

Ante o exposto ousamos afirmar que é de suma importância que o educador se reconheça também como aprendiz, e essa interação educador educando permitirá aos sujeitos aprendizes se sentirem-protagonistas, bem como construtores colaboradores no seu processo de aquisição de conhecimento formal, mas para tanto faz se necessário a troca de experiências entre todos os agentes envolvidos

## EJA ...LUTA E RESISTENCIA AO LONGO DA HISTÓRIA

De acordo com documento final da V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA), a Declaração de Hamburgo ocorrida em 1997, na Alemanha:

É essencial que as abordagens referentes à educação de adultos estejam baseadas no patrimônio cultural comum, nos valores e nas experiências anteriores de cada comunidade, e que estimulem o engajamento ativo e as expressões dos cidadãos nas sociedades em que vivem (UNESCO, MEC, 2004, p. 43).

Embora não tenhamos com objetivo principal, fazer uma reconstituição histórica, da EJA, gostaríamos de salientar, que o passado da referida modalidade é marcada por tensões de enfrentamento, resultado de lutas e mobilizações, de algumas instituições, associações dentre outros grupos de movimentos sociais que se organizaram no intuito de pensar as tensões, expectativas e rumos que pudessem nortear a educação voltada aos jovens e adultos, que por distintos motivos não frequentaram a escola no tempo pré- estabelecido pela LDB 9394/96,

Para Rezende, (2013) “As ações e a luta das camadas populares, sobretudo no âmbito da educação popular, tem trazido contribuições importantes para superar concepções arraigadas sobre a educação e, sobretudo, para a história da educação (p.111).

Vê-se que a modalidade aqui em estudo tem se configurado como uma categoria de resistência, haja vista que ao longo dos tempos, ela vem passando por incalculáveis desafios e dificuldades no anseio de ter seus direitos educacionais garantidos a considerar que ela tem sido negligenciada ao longo dos anos.

Diante do apresentado, podemos observar que a EJA se constitui em uma modalidade de ensino utilizada na rede pública do Brasil para a inclusão de jovens e adultos na educação formal, tendo o propósito de desenvolver o Ensino Fundamental e Médio para os que perderam a oportunidade de estudar na idade adequada. A sua regulamentação encontra-se no Artigo 37 da LDB 9394/96 (BRASIL, 1996) conforme citado anteriormente, a seguir:

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Os alunos da EJA, de acordo com a referida LDB, correspondem a faixa etária a partir de 15 (quinze) anos. Geralmente, esses indivíduos, por motivos diversos, não estudaram na idade determinada prevista na legislação, e de acordo Arroyo (2005, p. 224),

[...] quando se refere à jovens e adultos, nomeia-os não como aprendizes de uma etapa de ensino, mas como educandos, ou seja, como sujeitos culturais e sociais, jovens e adultos. Essa diferença sugere que a EJA é uma modalidade que construiu sua própria especificidade como educação, com um olhar sobre os educandos.

É com base nessas especificidades que justificamos a importância de pesquisar formas de valorização que respeitem as peculiaridades desses alunos. Entendemos que a Literatura de Cordel se insere nesse contexto, por propiciar a expressão da cultura popular, mediante as variedades linguísticas, que podem ser trabalhadas de maneira interdisciplinar, consistindo em um recurso de representação da realidade de forma a ampliar o alcance das práticas de letramento.

Compreendendo que as turmas de EJA são formadas por múltiplos sujeitos de características distintas marcadas por desafios, conquistas, histórias, dentre outras características que permeiam os espaços educativos, faz-se necessário que a escola se atente as particularidades desse público, enfim uma prática educativa que voltada “para as experiências e vivências dos indivíduos, que participam e constroem o cotidiano escolar” a como defende André (2001, p.37)

Em face do apresentado, procuramos pensar uma atividade baseada, em um texto de cordel “Parabéns Conquista” e os vídeos: “Índios em Vitória da Conquista” e “Comunidade Boqueirão, a considerar que estes poderiam facilitar a discussão, lhe possibilitando “criar possibilidades, oportunidades de interpretações, questionamentos ou mesmo ressignificações: uma didática autônoma e prazerosa que permita a busca do conhecimento.

De acordo com alguns estudiosos a exemplo de Barroso (2006) e Galvão (2001), a Literatura de Cordel teve origem nos romances portugueses, sendo iniciada de forma oral, passando depois pela escrita, momento em que recebeu o nome de folheto. Este percurso será aprofundado na fundamentação teórica. Por intermédio de Leandro Gomes de Barros, um poeta nascido em Pombal, este gênero ganhou relevância. Este poeta foi o primeiro a editar e comercializar, no final do século XIX, o folheto na forma tal como temos atualmente. Por isso, é considerado o patriarca da Literatura de Cordel (XAVIER, 2005).



Acreditamos que ao promover o confronto da realidade sociocultural do educando com a Literatura de Cordel possibilita-se uma visão sociointeracionista da aprendizagem, na perspectiva de Vygotsky (2007) e por meio da qual o indivíduo se constitui por intermédio da interação social. E isso se faz mediante os diversos tipos de enunciados que Bakhtin (2003, p. 285) convencionou denominar de “gêneros do discurso”, para demonstrar o processo de interação verbal dos seres humanos.

## **A EJA, CORDEL E RESISTENCIA**

Vendo a literatura como uma prática social, e sabendo da dificuldade de nossos educandos, no que se refere à leitura proficiente, cremos que enquanto educadores devemos buscar estratégias que visem sanar essa deficiência. Para tanto, pensamos atividades que promovessem uma articulação entre pluralidade cultural de nossa nação com a diversidade linguística que permeia nosso sistema oral e literário, por acreditarmos ser importante [...] levar a literatura de cordel para sala de aula não apenas como pretexto para estudar outras disciplinas, mas pelo seu valor estético, sua dimensão lúdica, seu apelo social e tantas marcas desta modalidade da cultura popular. (PINHEIRO, 2008, p. 16).

Notamos que o autor vem propor um trabalho com a literatura de cordel de forma que essa dialogue com outras obras, propiciando a exploração de diversas expressões e percepções.

Sob esse viés buscamos pensar a partir da interdisciplinaridade no intuito de promover uma relação sociocultural e comunicativa entre os sujeitos pesquisados com a comunidade na qual estão inseridos.

Conforme anunciamos acima procuramos fazer uma interação educativa com os texto e dois vídeos supracitados<sup>3</sup>. O primeiro, foi escolhido porque aborda a história da fundação de nossa cidade outrora habitada por indígenas; e o segundo, por versar a respeito da realidade da Comunidade Boqueirão, espaço reconhecido como remanescente de quilombolas, onde a maioria dos pesquisados residem.

A atividade proposta nos permitiu debater a importância da preservação do patrimônio histórico e estudar a história local como reflexo da história universal e a sua importância para a

---

<sup>3</sup> Índios em Vitória da Conquista (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ctelw1hHWtk>); 2 - Comunidade Boqueirão (disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=HM\\_n1pPaQpc](https://www.youtube.com/watch?v=HM_n1pPaQpc))

construção da cidadania; despertar o olhar crítico sobre o processo de escrita da história por entender as relações entre o homem, a cultura e a natureza, no contexto temporal, olhando a partir de seu espaço de vivência e origem que lhe confere significados particulares por ser o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas como disserta Callai (2000).

Creemos que o diálogo e a fusão desses elementos acabam por definir uma cultura com símbolos e representações que nos permitem identificar um determinado grupo ou comunidade, com marcas diferenciadas, etnia, bem como práticas diversas, que poderão ser consideradas como identidade cultural. “Tudo aquilo que foi criado, construído, apreendido, conquistado no curso de toda a sua História” (TROTSKI, 1981, p.51). Essas marcas indenitárias são o que acaba por diferenciar um grupo de outro. Diante disso, destacamos a importância de a escola trabalhar na perspectiva de valorização dessas marcas indenitárias, pois muitas vezes os sujeitos, por não conhecerem a história de sua comunidade, não desenvolvem um sentimento de pertença.

Temos notado que muitos livros didáticos, pelo menos os que utilizados no local de nossa pesquisa, não têm abordado em seus conteúdos assuntos que permitam ao educador trabalhar a partir das raízes culturais dos discentes. Salientamos que conforme o referencial abordado nesse trabalho, é possível deprender que essa ausência pode contribuir para a desvalorização da memória cultural de um povo.

No intuito de verificar se essa intervenção tinha contribuído para o reconhecimento de valorização da identidade dos sujeitos, e, posteriormente, de acordo com as repostas obtidas, pensar a possibilidade de utilizar ou não essa metodologia de trabalho em outros segmentos, fizemos as seguintes perguntas: 1) Você já conhecia a história de Vitória da Conquista? 2- Você conhece a história da sua comunidade e de seu ancestrais? Você considera importante conhecer essas histórias? Por quê?

No que tange à primeira questão, todos os sujeitos questionados afirmaram que sim. Já em relação à segunda questão, dentre as repostas obtidas, duas contemplaram nossa perspectiva. Para identificá-las utilizamos nomes fictícios<sup>4</sup>.

Acho que sim, porque até a pouco tempo muita gente tinha vergonha de falar que é da roça, da zona do quilombo. Os nossos pais, os avós da gente, inclusive já vimos muita gente dizer que a Bíblia fala que nascemos de uma maldição . Quando a gente fica sabendo de como tudo começou a gente passa a ter

<sup>4</sup> Destacamos que no intuito de preservar a identidade de nosso colaboradores, utilizamos nomes de cangaceiros integrantes do bando de Lampião



orgulho de nossos antepassados, que vieram antes de nós. Que negro é amaldiçoado por causa de Noé, por isso que o povo negro e africanos sofre (ANJO NOVO).

Muito importante, minha família veio de outra cidade porque meu pai tinha que trabalhar e meu tio arrumou esse trabalho pra ele. Eu achava que área quilombola só tinha negro, só fazia macumba e capoeira, minha mãe até ficou com medo, porque a gente é crente, (protestante) às vezes as pessoas passam ideia errada pros outros, fazendo aumentar o racismo e o preconceito das pessoas que não conhecem (CRAVO ROXO)

Em ambas as respostas percebemos a importância de trabalharmos a história na perspectiva de valorização da origem dos sujeitos envolvidos nos processos educativos.

Vemos que no primeiro caso, o educando (Anjo Novo), chama atenção para uma questão ainda frequente em muitas escolas brasileiras, ao ensinar a História do povo africano, no que tange a metodologia. Segundo o pesquisador da cultura afro-brasileira, Kabengele Munanga (2010), a escola peca ao contar a história do povo negro, a partir do processo de escravização, como se os escravizados vendidos do Brasil para os outros países não tivessem um história de vida, antes dessa atrocidade.

Outro aspecto que deve considerado no processo de ensino da disciplina em questão é que muitas vezes, a história contada se pauta em uma marca de maldição, narrada na Bíblia no Antigo Testamento (Gênesis, cap. 9, vers. 18 – cap. 10, vers. 32) quando Noé foi flagrado bêbado e nu pelo jovem Canaã, de quem sofre zombaria. Noé, por sua vez, em represália ao Filho de Cam, o amaldiçoa a ficar negro, e sair daquela terra, para estabelecer-se, onde hoje é reconhecido pelos historiadores como o continente africano.

Acreditamos que essa versão histórica não causaria tantos transtornos tempos depois, se ficasse apenas no espaço teológico-religioso. Todavia, não pretendemos aqui questionar a veracidade dos fatos, porém, ressaltamos que estes serviram de aporte para a promulgação de um documento intitulado Bula *Romanus Pontifex*, que serviu de justificativa para a exploração e escravização do povo africano pelo Reino de Portugal. Assim, por muito tempo, essa passagem, foi utilizada como pretexto para que algumas igrejas de preceitos católicos romanos, ou de matrizes protestantes negassem ao sujeito de epiderme negra galgarem um lugar de destaques nessas instituições, a exemplo de sacerdotes, pastores, ou quaisquer outras funções de chefia nas organizações religiosas.

Creemos que a referida história descrita no livro do Antigo Testamento (Gênesis, 9:18 – 10:32), certamente corrobora para uma baixa autoestima dos alunos, oriundos dessas etnias

uma vez que são de religião protestante. Não obstante, que quando questionados sobre sua origem quilombola, os discentes negaram que fazem parte da referida comunidade. Muito provavelmente porque lhes fora ensinado ao logo da vida que o povo negro é inferior ou amaldiçoado.

Tanto o educador, como toda comunidade escolar precisa entender que o ambiente educativo é permeado por múltiplas culturas e essa diversidade deve ser levada em consideração, ao pensar o currículo escolar, entendendo que esses fenômenos, que embora seja externos, fazem parte da realidades dos sujeitos aprendizes. Silva (1996) salienta que:

O currículo é um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados. O currículo corporifica relações sociais (p.23).

Vemos a importância de se pensar a construção de um currículo, que leve em conta o contexto social onde nossos educandos estão inseridos, pois as nossas práticas pedagógicas certamente refletirão na vida dos discentes, e nos espaços aos quais, ocuparão futuramente. Em suma, é importante entender que “a escolaridade é um percurso para alunos/as, e o currículo é seu recheio, seu conteúdo, o guia de seu progresso pela escolaridade” (SÁCRISTÁN; GÓMEZ, 1998, p. 125).

A assertiva acima nos permite compreender o quanto é fundamental que o currículo escolar procure dialogar com as especificidades que permeiam os espaços escolares, e de um modo específico as turmas de jovens e adultos, respeitando as especificidades, delineadas pelos distintos aspectos existenciais, como saberes, projetos de vida, origem sócio econômica, culturas, dentre as distintas marcas adquiridas em seu percurso existencial.

Ante o exposto, faz -se necessário que a escola reconheça que as experiências de vida do público atendido pela a EJA, se configuram como elementos significativos no processo de ensino aprendizagem, inserindo-as no processo pedagógico, de forma que possam ser potencializadas em subsídios educativos, indo de encontro ao que Freire alcunhou de bancária, marcado pelo “[...] ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos [...]” como Freire (2005, p. 67).

Nessa mesma perspectiva, Arroyo, (2005), assevera que:

A Educação de Jovens e Adultos – EJA tem sua História muito mais tensa do que a História da Educação Básica. Nela se cruzam interesses menos consensuais do que na educação da infância e da adolescência, sobretudo



quando os jovens e adultos são trabalhadores, pobres, negros, subempregados, oprimidos e excluídos. Os olhares tão conflitivos sobre a condição social, política, cultural desses sujeitos têm condicionado as concepções diversas da educação que lhes é oferecida. Os lugares sociais a eles reservados – marginais, oprimidos, excluídos, empregáveis, miseráveis... – têm condicionado o lugar reservado a sua educação no conjunto das políticas oficiais. A história oficial da EJA se confunde com a história do lugar social reservado aos setores populares. É uma modalidade do trato dado pelas elites aos adultos populares. (p. 221).

Em face do exposto advogamos que identificar as diferenças que permeiam essas turmas não é suficiente, mas torna-se fundamental, que o espaço educativo, transforme-se em um palco de debates, que lhe facultem, discutir entender e a partir e sua ótica e vivências, buscarem alternativas de soluções para os problemas que afetam a sociedade e o ambiente o qual estão inseridos, cremos ainda, que ao entrelaçar os conteúdos das aulas com o cotidiano dos discentes lhe oportunizaram, pelo conhecimento formal transformar a realidade dos espaços que estão inseridos.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ...**

Nesse recorte buscamos evidenciar alguns desafios que ainda permeiam as turmas de EJA, e o quanto incipiente, história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares e os desafios que nos professores das turmas supracitadas, temos ao adentrarmos no espaço escolar, dentre elas, o desafio de buscar superar a hierarquia epistêmica que tem se tornado um empecilho no espaço educativo, haja vista que nossos livros didáticos, não se atentam as peculiaridades que permeiam nossas turmas de EJA.

Acreditamos que a Literatura de Cordel, com sua linguagem simples, pode apresentar-se como socializadora de saberes, propiciar aos discentes uma identificação com as situações que permeiam sua rotina, ou outras situações do dia a dia, criando um ambiente que faculte uma interação entre a escola e a vida, bem como com a leitura e a escrita.

Os autores estudados permitiram-nos refletir que a literatura cordelística contribui no processo de ensino e aprendizagem nas turmas de EJA, haja vista que além de sua essência cultural, relata tradições regionais, detém uma versatilidade que permite ao discente conhecer histórias com características diversas, como sátiras, aventuras de cavaleiros medievais, lendas folclóricas, acontecimentos políticos, dentre outros temas, reais ou fictícios, assegurando

recriação de significados, levando em consideração não só os problemas e especificidades da EJA, mas também a versatilidade do Cordel.

## REFERENCIA

ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. Cadernos de Pesquisa, n. 113, p. 51-64, 2001.

ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. Cadernos de Pesquisa, n. 113, p. 51-64, 2001.

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9058/6517>. Revista Trabalho & Educação11 958167769

ARROYO, M. G. Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, M. A.; GOMES, N. L. (Org.). **Diálogos na Educação de Jovens e Adultos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 19-50.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

ANDRÉ, M.; et al. Estado da Arte da Formação de Professor no Brasil. **Educação & Sociedade**. Campinas, ano 20, n.68, dez.1998

BARROSO, J. O Estado e a educação: a regulação transnacional, a regulação nacional e a regulação local. In: BARROSO, J. (Org.). **A regulação das políticas públicas de educação: espaços, dinâmicas e atores**. Lisboa: Educa, 2006b. p. 41-70

BRASIL. Senado Federal. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 9394/96.

\_\_\_\_\_. MEC/SETEC. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos: Formação Inicial e Continuada/Ensino Fundamental. **Documento Base**. Brasília, agosto 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

\_\_\_\_\_. Oralidade, Memória e a Mediação do Outro: Práticas de Letramento Entre Sujeitos com Baixos Níveis de Escolarização - o Caso do Cordel (1930- 1950). 81. ed. Campinas: **Educ. Soc.**, 2003. p.115-142. Disponível em: Acesso em: 22 out. 2017

MUNANGA, K. (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília: SECAD/MEC, 2005.

PAIVA, V. P. **Educação popular e educação de adultos: contribuição à história da educação brasileira**. São Paulo: Loyola, 2006

PINHEIRO, H. Leitura popular e ensino: leituras, atitudes e procedimentos. In: **Literatura e formação de leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008. p.15-27.

REZENDE, M. V. V. (1998). DEMOCRACIA, SABER POPULAR E EDUCAÇÃO. REVISTA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - POLÍTICA & TRABALHO, 14, 23–34.  
<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/politicaetrabalho/article/view/6413>

SACRISTÁN, J. G; GOMES, P. **Compreender e transformar a escola**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOLIGO, V. Possibilidades e desafios das avaliações em larga escala da educação básica na gestão escolar. Revista on line de Política e Gestão Educacional, Araraquara, . Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9275>. Acesso em:15 jun. 2021.

SOUSA, Gilvan dos Santos. **Literatura de cordel e Educação de Jovens e Adultos: a cultura popular na perspectiva de valorização dos educandos**. / Gilvan dos Santos Sousa,2019. 168f.Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED, Vitória da Conquista, 2019.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social da mente**. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007

XAVIER. Maria Virgínia. Xexéu, o caboclo sonhador. **Jornal Acauã**, Natal, v. 2, n. 6, jun./jul. 2005.

ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. Cadernos de Pesquisa, n. 113, p. 51-64, 2001.  
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9058/6517>. Revista Trabalho & Educação11 958167769. Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v.22, n.2, p.105-124, mai./ago.2013